Anais do XXVII Encontro de Iniciação à Docência
Pró-reitoria de graduação - ENID - 2025

https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/enid/index

RESUMO SUBMETIDO AO XXVII ENID - 2025 - UFPB
VOZES DANÇANTES , MEMÓRIAS COREOGRÁFICAS: O CANTO SEMIÓTICO DA TRADIÇÃO INVADE O ENSINO

Ana Luiza Valoes Araujo;
Caike Rhuan Miranda da Silva;
Tatiana Freitas de Oliveira;
Hermano de Franca Rodrigues.

Programa Prolicen
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes- CCHLA, Campus (I), João Pessoa PB.

RESUMO: Desde sua criação, a literatura se configura em um espaço que dialoga com questões e paradigmas sociais. Nesse contexto, pode-se reconhecer a utilização desta arte, pelas mulheres, como uma ferramenta de resistência e de subversão aos padrões morais e culturais que permeiam os campos sociais ao longo das épocas. No século XIX, a literatura estabeleceu um novo diálogo com a figura feminina. Por meio do romance, algumas mulheres armaram-se de suas penas e recorreram ao poder da palavra para questionar o sistema patriarcal e os limites impostos ao seu gênero. Na Inglaterra, durante o reinado da rainha Vitória (1837–1901), período reconhecido pela ascensão da burguesia, pelo forte moralismo e pelas rígidas convenções sociais, as irmãs Brontë valeram-se de suas narrativas para contestar a posição inferiorizada da mulher na sociedade. Privadas de direitos, submissas aos maridos e restritas à vida doméstica, as mulheres não eram legitimamente reconhecidas como seres independentes e dotados de autonomia. O casamento e a idealização de uma família era o único tipo de realização que deveria tomar os pensamentos de uma dama. Durante o período oitocentista, a imagem da mulher como mãe e guardiã do lar foi estrategicamente reforçada como forma de controle social, sustentada pelo discurso científico. Esse controle atendia aos critérios da configuração social patriarcal vigente, que atribuía às mulheres novas funções dentro da ordem estabelecida (Nunes, 2000). Na psicanálise, apesar de Freud não ter se aprofundado muito no tema do feminino, atribuindo-lhe o termo "continente negro" e admitindo que a compreensão dos processos de uma menina ainda era insatisfatória, seus estudos pavimentaram um caminho de grandes questionamentos que fomenta as pesquisas de diversos psicanalistas modernos. O feminino se apresenta para a psicanálise como elemento caro, visto que coloca em questão os limites da subjetividade e do desejo. Diante disso, identificamos a necessidade de compreender a imagem das figuras femininas nas obras literárias escritas por mulheres do século XIX. Considerando o contexto apresentado sobre a construção da imagem da mulher na sociedade ocidental através dos séculos e da indagação sobre o sexo feminino na psicanálise, esse trabalho tem como ponto de partida a seguinte questão: De que modo a literatura produzida por mulheres do século XIX, sobretudo das irmãs Brontë, contribuíram para a ressignificação da imagem feminina? A partir desse questionamento, o trabalho se justifica pela necessidade de compreender os atravessamentos da sociedade na constituição da identidade e imagem do ser feminino, assim como a influência exercida na subjetividade feminina. Para tanto, foram selecionadas as obras Jane Eyre, de Charlotte Brontë, e A Senhora de Wildfell Hall, de Anne Brontë, escritas e publicadas na Inglaterra durante o período oitocentista. O objetivo dessa pesquisa, portanto, é investigar a representação do feminino nessas narrativas. A metodologia utilizada foi de natureza bibliográfica, que, segundo Fonseca (2002), consiste no levantamento e na análise de referências teóricas. Foram utilizados como base autores como Michelle Perrot, Simone de Beauvoir, Maria Rita Kehl, dentre outros.